



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, geração e classes sociais**

**Sub-eixo: Juventude**

## **SEXUALIZAÇÃO E ADULTIZAÇÃO DE MENINAS ADOLESCENTES: DANÇANDO NO TIKTOK**

**VITÓRIA ÁVILA DE SOUZA MEIRA<sup>1</sup>**

**ANDREYNA FERREIRA MAIA<sup>2</sup>**

**GLÁUCIA HELENA ARAÚJO RUSSO<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Nos propomos a analisar os processos de adultização e sexualização presentes nos vídeos protagonizados por meninas adolescentes no *TikTok*, por meio de uma pesquisa documental em três perfis de influenciadoras digitais. A análise nos permitiu identificar conteúdos sexualizados e adultizados, que estereotipam e coisificam o feminino.

**Palavras-chave:** sexualização; adultização. TikTok; adolescência.

### **ABSTRACT**

We propose to analyze the processes of adultization and sexualization present in videos starring teenage girls on TikTok, through documentary research on three profiles of digital influencers. The analysis allowed us to identify sexualized and adultized content, which stereotypes and objectifies the feminine.

**Keywords:** sexualization; adultization; TikTok; adolescence.

### **INTRODUÇÃO**

As Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCI's) são uma realidade em nossa sociedade. Sua presença trouxe inúmeras transformações para os mais variados campos da vida, seja na maneira das pessoas se comunicarem entre si, seja na forma de se relacionar, trabalhar, ser e estar no mundo. Se, por um lado, têm sido importantes por promover melhorias no acesso à informação e a conexão com pessoas de diferentes lugares, por exemplo, por outro, têm

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

afastado as pessoas umas das outras, facilitado a divulgação de conteúdos falaciosos, e apresentado limites de segurança, sendo utilizadas de forma indevida em diversos campos e por diferentes sujeitos.

Compreendendo que a maneira como infância e adolescência são tratadas está diretamente relacionada às mudanças sociais, culturais e tecnológicas pelas quais passamos, assim como tendo por princípio que esses seres estão em condição de desenvolvimento, e, portanto, precisam ser protegidos, nos questionamos sobre o impacto das NTIC na forma como os percebemos assim como em suas vidas. Nos chamou atenção, em particular a adolescência veiculada e acessada no *TikTok*, especialmente por percebermos uma sexualização exacerbada dos vídeos postados por meninas adolescentes nessa plataforma social.

Apesar de em nossa sociedade a sexualidade ser considerada um terreno “sagrado”, em inúmeras situações, crianças e adolescentes são percebidas como objetos sexuais e são sexualizadas precocemente. A adultização e sexualização de crianças e adolescentes nas mídias sociais, portanto, pode fortalecer práticas de violência sexual, assim como, a vivência de uma sexualidade em desacordo com sua fase de desenvolvimento. Tudo isso, em uma sociedade marcada pelo patriarcado, o machismo, o poder masculino e a objetificação de seres humanos transformados em mercadoria, leva a considerar as crianças e adolescentes envolvidas nesses processos, como culpadas pela violência sexual; ou a lhes cercear o direito de viver uma sexualidade plena, de acordo com a fase na qual se encontram, dentre outros processos que podem lhes vitimizar e negar seus direitos fundamentais.

A partir disso, nos propusemos a pesquisar as redes sociais, especificamente o *TikTok*<sup>4</sup>, a fim de analisar processos de adultização e sexualização presentes nos vídeos de danças e músicas protagonizados por meninas adolescentes no *TikTok*. Desta forma, escolhemos o perfil de três meninas influenciadoras digitais, uma na idade de 15 anos e as demais na faixa etária dos 16 anos. Os dados coletados se remetem ao período de 2022 a 2023. Os perfis foram escolhidos por percebermos que durante esse período as meninas postaram vídeos e *trends*<sup>5</sup> virais na plataforma, alcançando altos números de visualizações e interações. Todos os dias surgem inúmeras *trends*, que variam desde conteúdos relacionados à dança, maquiagem, organização de

<sup>4</sup> O *TikTok* é uma rede social que tem como ferramentas a divulgação de vídeos móveis em formato curto, grande parte variando entre 15 e 30 segundos, ou ainda vídeos maiores, podendo chegar até dez minutos. Nos vídeos, é possível utilizar vários recursos, como efeitos, filtros, imagens, dentre outras possibilidades, proporcionando entretenimento e engajamento por parte do público usuário (Costa, 2022).

<sup>5</sup> No *TikTok*, o que gera a tendência é a repetição; dessa forma, quando uma música ou áudio começa a viralizar de forma repetida, aparecendo em muitos vídeos e alcançando grande repercussão, dizemos que foi criada uma *trend*, que consiste em muitos usuários usando um mesmo fundo musical e um mesmo estilo para criar seus vídeos (Costa, 2022).

casa, a assuntos sobre trabalho, entre outros. Contudo, as mais famosas costumam ser as que envolvem dança, muito populares entre o público mais jovem.

## **Danças, músicas e imagens: a adultização e sexualização de meninas adolescentes no TikTok**

A adultização de crianças e adolescentes é um fenômeno pouco conhecido, e ainda que não seja discutido em amplos espaços da sociedade civil, tem ocorrido recorrentemente ao longo da história, variando conforme o contexto social, econômico e cultural no qual se insere. Ariès (1986), em seus estudos sobre o contexto europeu, mais precisamente a França do século XII ao XVII, já se referia a um certo tipo de adultização, quando mencionava a ausência do “sentimento de infância”<sup>6</sup> e as expressões das imagens de crianças como adultos em miniatura nas obras de artes da época.

Importante lembrar que o autor, ao se remeter às crianças como adultos em miniatura está falando de um tipo específico de adultização, relacionada a uma época em que as fases da infância e adolescência não eram reconhecidas como tal, como ele mesmo afirma ao discutir o sentimento de infância: um período em que a sociedade não tem consciência da particularidade infantil, ou seja, do seu processo de desenvolvimento biopsicossocial (Ariès, 1996). Portanto, se difere do que estamos chamando de adultização, pois nossa sociedade compreende a existência de uma separação entre o mundo adulto e o infantil. No Brasil, mais particularmente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e em fase de desenvolvimento peculiar, além de apresentar uma conceituação desses sujeitos, tomando por base a idade cronológica.

Diante disso, nesse artigo compreendemos a adultização como um processo no qual, embora haja por parte da sociedade a afirmação da particularidade infanto-juvenil, crianças e adolescentes recebem estímulos adultizados constantes e assumem comportamentos, papéis, tarefas, responsabilidades e modos de ser próprios do universo adulto.

Como resultado desses estímulos adultizados constantes, as crianças podem se apropriar de comportamentos, atitudes, hábitos, formas de lazer, cuidados, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto. Essa apropriação, fora de um contexto de brincadeira, caracteriza um processo de adultização. Adultizar é, portanto, incentivar a inserção extrema

---

<sup>6</sup> De acordo com o autor: “O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. [...]” (Ariès, 1986, p. 156).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

da criança em contextos não relacionados à infância. Crianças com muitos compromissos e responsabilidades, assim como crianças preocupadas com cuidados com o corpo e aparência são um reflexo destes estímulos (Weber; Francisco-Maffezzolli, 2016, p. 07).

Com os avanços tecnológicos vivenciados atualmente, esse processo se complexificou ainda mais, pois os espaços virtuais inauguram diversas outras possibilidades de adultização que, em grande parte das vezes, não são sequer percebidas como tal, um exemplo são as crianças e adolescentes influenciadoras digitais, uma forma de trabalho<sup>7</sup> que se naturalizou e popularizou em nossa sociedade. Ao adultização remete a uma imagem e comportamento da infância e adolescência que se confundem com a dos adultos, seja na aparência, no trabalho, na gravidez, na erotização e sexualização precoce dos corpos, no casamento infantil, na violência sexual, dentre outros exemplos.

Dessa forma, a adolescência compreende processos biológicos, sociais, econômicos, culturais, geográficos e psicológicos. Há certo consenso em relação ao início da adolescência começar na puberdade, mas em relação ao seu significado e ao seu término, muitas questões são colocadas.

Dentre as questões que constroem e se colocam na fase da adolescência está a sexualidade, ligada às mudanças físicas, ao surgimento dos caracteres secundários do corpo e ao desejo sexual, a intimidade, ao encontro com o outro, dentre outros aspectos.

A sexualidade constitui-se numa dimensão fundamental em todo ciclo de vida de homens e mulheres, a qual envolve práticas e desejos ligados à satisfação, à afetividade, ao prazer, aos sentimentos, ao exercício da liberdade e à saúde. Desta forma, é uma construção histórica, cultural e social, e se transforma conforme mudam as relações sociais (Macedo *et al.*, 2013, p. 104).

Segundo o Guia de Orientação sobre a Prevenção à Sexualização Precoce na Primeira Infância do Ministério da Cidadania, a sexualidade é algo transversal à vida e ao desenvolvimento humano, visto ser um processo, inerente ao sujeito e se expressar de diferentes formas em cada fase da vida, já a sexualização, não é natural, ou interna, mas um processo que ocorre de fora para dentro, por meio de estímulos externos, grande parte das vezes do mundo adulto (Brasil, 2022).

---

<sup>7</sup> De acordo com Reis e Custodio (2017, p. 11), "O trabalho infantil nos meios de comunicação agrega elementos que nem sempre estão relacionados unicamente à necessidade de sobrevivência ou de sustento da criança e do adolescente e de sua família. O fator econômico é relevante, mas não é determinante, porque o trabalho infantil artístico precisa ser compreendido a partir de uma perspectiva mais ampla, porque está intimamente relacionado às questões que dizem respeito à fama, ao glamour, ao sucesso e ao reconhecimento social.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

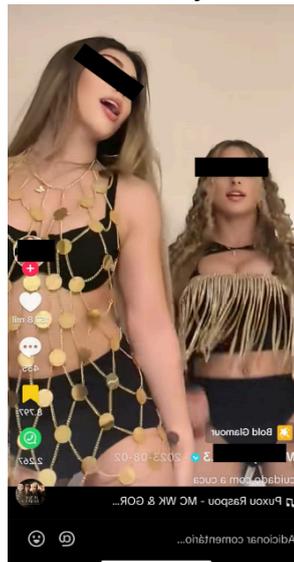
10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A sexualidade não pode ser tratada apenas como sexo; ela é a totalidade de nossos sentimentos, interações, dos relacionamentos que estabelecemos durante nossa vida desde que somos gerados; ela é inerente ao nosso ser. E, em cada época da vida, ela vai se manifestando física e emocionalmente, despertando a curiosidade de conhecer a si próprio, de conhecer o outro, de conhecer o mundo. Uma curiosidade natural e saudável, que não deve ser estimulada, mas jamais pode ser negligenciada. (Bonfim, 2012, p.72).

A sexualização infantil a imposição de comportamentos, roupas, atitudes e imagens sexualizadas a crianças e adolescentes. Esse fenômeno pode ocorrer de diversas maneiras e em diferentes contextos, como na mídia, publicidade, redes sociais, brinquedos e até mesmo em relações interpessoais. Notadamente, temos visto um crescente fluxo de sexualização infantil, especialmente através das redes sociais, como o *TikTok*. O ensinamento de posturas adultizadas tem sido cotidianamente potencializado pelas plataformas digitais, conforme observamos na imagem 1, em que as meninas aparecem vestidas de forma provocante e sexualizada:

Imagem 1 – Adolescentes dançando no *TikTok*



Fonte: *TikTok*, 2023

De acordo Azevedo (2022, n.p.):

[...] o *TikTok* tem se notabilizado por fomentar a sexualização do corpo feminino, que se sobressai nessa lógica midiática e impõe certas normas de aparência e comportamento, evidenciando uma sobrecarga de investimentos dos usuários em atributos físicos, culturais, psicológicos e tecnológicos que favorecem imagens sugestivas de certos padrões erotizados e pornificados de beleza feminina.

A plataforma promove com isso uma erotização do corpo feminino, pautado em modelos hegemônicos de beleza presentes em nossa sociedade e isso não se dá de forma neutra. De



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

acordo com o *Intercept* e o *Intercept* Brasil, em matéria publicada no ano de 2020, dois documentos internos de moderação do TikTok estabelecem punições algorítmicas para usuários(as) “pouco atraentes e empobrecidos”. Segundo a matéria:

Embora o que é preciso para ganhar um lugar na seção "Para você" continue sendo um mistério, o documento revela que foi preciso muito pouco para ser excluído, tudo com base no argumento de que uploads de usuários pouco atraentes, pobres ou indesejáveis podem "diminuir a taxa de retenção de novos usuários a curto prazo", conforme declarado no documento. Isso é de particular importância, o documento enfatiza, para vídeos nos quais o usuário "é basicamente o único foco do vídeo... se a aparência do personagem ou o ambiente de filmagem não forem bons, o vídeo será muito menos atraente, não valendo [sic] a pena ser recomendado a novos usuários" (Biddle; Ribeiro, Dias, 2020, n.p., grifos do autor).

Não por acaso, os perfis analisados por nós, a exemplo de muitos outros postados na plataforma, são protagonizados por meninas, adolescentes, que se encaixam em um determinado padrão de beleza. Além disso, o incentivo aos comportamentos e/ou aparência sexualizada têm cada vez mais sido impulsionados pela pressão das redes sociais, que impõem aos(as) seus(suas) usuários(as) padrões de beleza, e no caso das adolescentes, que incorporem comportamentos adultizados e sexualizados para garantir engajamento e recomendações da plataforma, como podemos ver na matéria do *Intercept* e na imagem 2, que reflete a busca das adolescentes por se encaixar no padrão de beleza:

Imagem 2 – Adolescente posando para o *TikTok*



Fonte: *TikTok*, 2023

Essas investidas têm atingido mais fortemente as meninas, visto que a mulher na sociedade capitalista-patriarcal está colocada em um lugar de submissão, sendo vista como um

ser sexuado, que parece existir para atender aos prazeres de outrem (Beauvoir, 1967). Diante disso, para Azevedo o *TikTok* reflete: “[...] uma cultura na qual os olhares masculinos incidem sobre a mulher – que tradicionalmente assume a posição de quem deseja ser olhada, estimulando o processo de embelezamento, reforçando e reformulando expectativas de beleza acerca dos corpos femininos” (Azevedo, 2022, n.p.)

As redes sociais, de maneira geral, criam um ambiente onde a aparência dita a popularidade e a aceitação, não apenas dos perfis e postagens, mas da própria rede social. O *TikTok*, mais especificamente tem sido uma das redes sociais mais utilizadas por crianças e adolescentes. Segundo pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, 78% dos usuários de *internet* entre 9 e 17 anos acessaram algum tipo de rede social em 2021, e em 2019, esse índice era de 68%, havendo um incremento de 10% no total de usuários(as). Durante o ano de 2021, a plataforma mais utilizada foi o *TikTok*, por 34% desse grupo, conforme apresentado pelo *site online* da CNN Brasil, em 2023 (Tortella, 2023).

Diante disso, os conteúdos sexualizados presentes nos vídeos da plataforma protagonizados por meninas adolescentes apontam para questões importantes do desenvolvimento desses sujeitos, assim como para a violação de seus direitos fundamentais. Segundo reportagem da Forbes, em 2022, o *TikTok* tem se apresentado como um lugar onde homens, e pessoas mais velhas, consomem o conteúdo apresentado por meninas mais jovens, que em seus vídeos geralmente realizam danças sensuais com comportamentos sexualmente sugestivos, na maioria das vezes, estimuladas e atraídas pelas possibilidades de ganhar dinheiro, presentes e notoriedade pública (Levine, 2022).

A Forbes acompanhou centenas de transmissões ao vivo recentes do *TikTok* e revela como os espectadores usam regularmente os comentários para incitar as meninas a realizar atos que parecem seguir a linha da pornografia infantil – recompensando as que fazem o favor com presentes do *TikTok*, que podem ser trocados por dinheiro, ou pagamentos fora da plataforma para contas Venmo, PayPal ou Cash App que os usuários listam em seus perfis do *TikTok* (Levine, 2022, n.p.).

Tais exposições, adultizam e sexualizam essas meninas adolescentes, pois, embora o lugar da mulher seja hoje qualitativamente outro, ainda persistem visões em que o valor da figura feminina é concebido pelo seu corpo objetificado e sua capacidade de seduzir o sexo oposto. A menina/mulher veiculada no *TikTok* é sedutora, tem seu corpo sensualizado, e por meio das letras das músicas é, em geral, depreciada, além disso, é transformada em objeto a ser consumido, coisificada como um produto à disposição na *Internet*. Não por acaso, os espectadores interagem



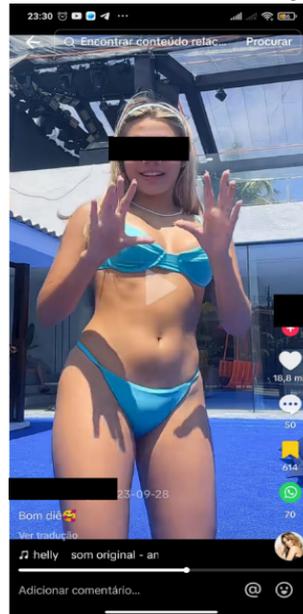
Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

com elas como mercadorias, trocando favores por dinheiro, assim, o que parece uma dança “aparentemente inocente”, pode se transformar em exploração sexual<sup>8</sup>.

Imagem 3 – Print de vídeo de dança no *TikTok*



Fonte: *TikTok*, 2023

Redes sociais, como o *TikTok*, não são espaços criados para crianças e adolescentes, entretanto, parecem ser elas as mais atraídas a consumir essas plataformas, tanto que sua presença nesses ambientes é expressiva. No Brasil, a maioria dos sites e redes sociais tem uma faixa etária mínima para acessar, que geralmente é de 13 anos de idade. Contudo, essas regras são facilmente burladas, o que aponta a necessidade de uma fiscalização mais rígida sobre os usuários das redes sociais, tanto por parte das plataformas, quanto do Estado.

### “Brincando” com roupas e músicas infantis no *TikTok*

Conforme dissemos anteriormente, cada vez mais, os(as) adolescentes têm ocupado espaços nas plataformas digitais, não apenas como consumidores(as), mas também como criadores(as) de conteúdos e, ainda que esses canais possam representar oportunidades significativas para expressão criativa, entretenimento e conexão social, também apresentam

<sup>8</sup> De acordo com Leal e Leal (*apud* Faleiros; Faleiros, 2008, p. 41), trata-se de “[...] uma relação de mercantilização (exploração/dominação) e abuso (poder) do corpo de crianças e adolescentes (oferta) por exploradores sexuais (mercadores) organizados em redes de comercialização local e global (mercado), ou por pais ou responsáveis, e por consumidores de serviços sexuais pagos (demanda)”

riscos, dentre eles, o da sexualização da adolescência. Por meio de músicas, roupas e danças sensuais, meninas adolescentes têm ganhado popularidade nesses ambientes.

Em particular, as meninas sujeitos de nossa pesquisa atuam como influenciadoras nesse meio, sendo o seu principal nicho o da dança. Em seus perfis, elas postam vídeos diariamente, performando danças e músicas de sucesso no momento, em geral, uma mesma música é postada em diversos perfis e os movimentos apresentados se repetem. Isso ocorre porque, segundo Azevedo (2022) as redes sociais podem ser consideradas formas miméticas, pois as funções existentes nas plataformas acabam por disseminar e encorajar a repetição dos mesmos comportamentos que geram engajamento no aplicativo, isso faz com que seus(suas) usuários(as) curtam, compartilhem, produzam, salvem e repliquem os chamados *trends*. Portanto, como as redes sociais trabalham com algoritmos quanto maior a repetição ou maior o número de contas a usarem os mesmos elementos como músicas, danças e filtros, maior será a entrega daquele conteúdo ao público usuário, assim, esses “[...] comportamentos estão previstos no nível infraestrutural do TikTok, influenciando os usuários algorítmicamente, digitalmente e socialmente a consumir conteúdos que contribuem para tornar a imitação uma técnica, um *modus operandi* (Azevedo, 2022, n.p.).

Assim, nas danças os movimentos tendem a se repetir: aparecem com frequência passos como: as jogadinhas de lado, a tremidinha no bumbum, a quicada, a rebolada e o quadradinho com o bumbum. A maior parte desses movimentos é desenvolvido de forma sexualizada, visando chamar a atenção para determinadas partes do corpo, como os seios e o bumbum, e frequentemente são combinados estes passos às músicas com teor sexual, juntamente com roupas que contribuem para a erotização das meninas na rede social.

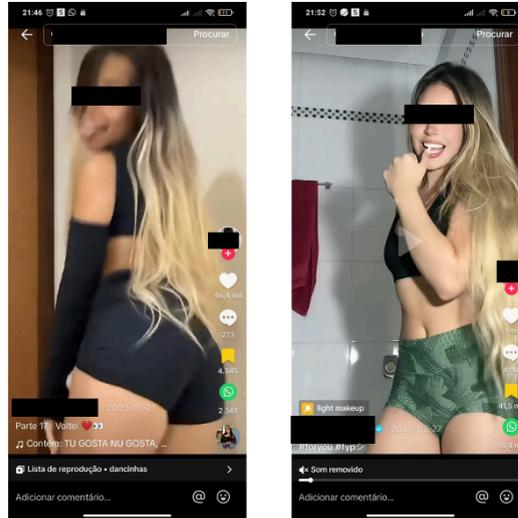
Imagem 4 – *Prints* de adolescente dançando no *TikTok*



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social



Fonte: *TikTok*, 2023

As coreografias e vídeos veiculados como *trends* no *TikTok* estereotipam os corpos, o comportamento e a imagem feminina, além de objetificar o feminino, por meio da construção de uma imagem estereotipada das adolescentes. Para Louro (2003):

Os corpos vêm sendo instigados a uma crescente erotização, amplamente veiculada através da TV, do cinema, da música, dos jornais, das revistas, das propagandas, outdoors, e, mais recentemente, da internet, tem sido possível vivenciar novas modalidades de exploração dos corpos e da sexualidade. Tal processo de erotização tem produzido efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas, [...] (Louro, 2003, p. 56)

Para Azevedo (2022), as *trends* de coreografias do *TikTok* são responsáveis por gerar uma forte pressão estética, que objetifica e cria estereótipos sobre o corpo das meninas/mulheres, sob a égide de um sistema patriarcal que coisifica as mulheres e erotiza meninas. Esse fenômeno, pode ser observado em um modo de ser próprio da plataforma: roupas expondo o corpo; coreografias sensuais e sexualizadas; movimentos evidenciando os seios, a pélvis e as nádegas; danças sedutoras e provocantes, com movimentos que imitam ou remetem ao ato sexual; gestos e movimentos sensuais. Todos esses elementos reforçam a figura da menina adolescente como um ser ao mesmo tempo sedutor e objeto de satisfação e prazer masculino.

Nos perfis analisados, em geral, as meninas costumam usar trajes de academia, como *legging* e *tops* marcando o corpo, além de micro shorts, microssaias e *croppeds* que deixam suas barrigas e pernas à mostra. Também são frequentes os vídeos nos quais elas aparecem de biquíni e fazem passos como rebolar de costas com as mãos no cabelo, balançando a pélvis ou o



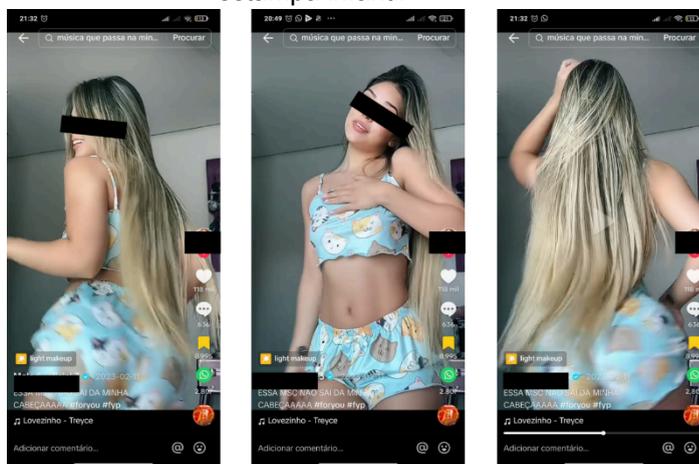
Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

bumbum em gestos sugestivos do ato sexual. Além disso, outro elemento nos chama a atenção: a utilização de signos da cultura infantil de forma erótica nos vídeos e danças, nesse sentido, são frequentes o aparecimento das meninas em frente às câmeras usando macacões compridos que lembram bichinhos de pelúcia e/ou pijamas com estampas infantis, conforme é possível observar na imagem 5:

Imagem 5 – Sequência de imagens de adolescente dançando no *TikTok* usando pijama com estampa infantil



Fonte: *TikTok*, 2023

A postagem reúne diversos aspectos mencionados anteriormente: roupas com motivos infantis, mas que deixam o corpo a mostra, movimentos sexualizados. Além disso, outro aspecto que salta aos olhos no *TikTok*, é o uso de um repertório musical que não apenas estereotipa o feminino, mas “brinca” com alguns signos da infância, apropriando-se deles e usando-os de forma erotizada. Um exemplo é a paródia feita com a música “Cuidado com a Cuca”, de Dori Caymmi e Geraldo Casé<sup>9</sup>, que apareceu em quatro vídeos das influenciadoras pesquisadas por nós:

Vou te pegando daqui e minha tropa te pega de lá  
Cuidado com a cuca, que a cuca te pega  
E pega daqui e pega de lá (repete)  
Vou colocar ela na minha garupa  
E fazer igual Keke do grau  
Puxou, raspou, empinou, foi pau  
(Gordão do PC – puxou, raspou)

No folclore brasileiro, a Cuca é um ser mítico. Conforme a lenda, a Cuca andava pelas casas à noite, sequestrando as crianças que não obedeciam aos pais, principalmente em relação

<sup>9</sup> A música foi composta para a personagem da Cuca, do Sítio do Pica Pau Amarelo, série infantil adaptada da obra de Monteiro Lobato, que ganhou duas versões para a TV, uma no ano de 1977 e uma outra no ano de 2001.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ao horário de dormir, isso levou inclusive a popularização de uma cantiga de ninar que amedrontava as crianças, chamada “Nana Neném”, composta por Marcos Patrizzi Luporini. Por sua popularização, a Cuca é uma das personagens mais célebres da literatura desenvolvida por Monteiro Lobato, sendo lembrada por crianças em todos os lugares do Brasil (Ferrari; Foschiera; Venazzi, 2018).

A paródia, por sua vez, remete a conteúdos sexualizados, sua letra a Cuca faz referência não ao ser mitológico que sequestra crianças, mas ao órgão sexual masculino, que “pega” a mulher, trazendo inclusive uma referência ao sexo grupal, quando se remete a tropa “que pega de lá”. A música, por meio da referência ao universo infantil, traz conteúdos sexualizados, apresentados em coreografias relacionadas diretamente a sensualidade, a estereotipia e erotização feminina, subvertendo não apenas o lugar da mulher, mas também da infância e adolescência.

A letra da música 085, de MC Rogerinho, muito presente nos vídeos do período estudado, também faz menção a elementos da cultura infantil, vejamos o trecho coreografado nos perfis:

Cinderela, vem busca sua Lingerie  
Vem terminar aquela cachorrada com seu vetin (2x)  
Quer de novo, quer de novo quer de novo  
Essa novinha quer marquinha no pescoço  
Tá doidinha na botada criminosa, que te pega, te prende e você passa mal (2x)  
Morena gostosa do 085  
Tem o paraíso embaixo do vestido  
Pela estrada a fora no banco da frente, ela faz umas parada diferente  
Oi ela não quer ganhar flores  
Ela não quer mais amores  
Só que um lugar pra sentar”

A música é uma paródia da canção de Chapeuzinho Vermelho, de Braguinha, muito conhecida no universo infantil. A paródia de MC Rogerinho “brinca” com os diferentes contos de fada e inicia fazendo referência à Cinderela. De acordo com a Wikipedia, Cinderela é um dos contos de fadas mais populares da Humanidade, cuja versão mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado *La gatta Cenerentola* (Wikipédia, 2024). A Walt Disney, em 1950, adaptou a história para desenho animado, sendo Cinderela uma das princesas da Disney mais queridas pelas crianças.

Na paródia, Cinderela é sexualizada e a música remete ao ato sexual e a uma visão de adolescência, particularmente a feminina, pautada na busca e no desejo sexual. A letra joga com partes da letra original e trechos adaptados e se refere à adolescente como estando em busca de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

prazer, localizado no corpo e no ato sexual, como no trecho em que afirma que as mulheres não querem mais ganhar flores, mas apenas “um lugar para sentar”, tendo essa expressão, no contexto da letra, um conteúdo sexualizado.

Seguindo essa mesma lógica, nos perfis analisados aparecem vídeos que performam a música *Playground*, composta por Vivi e a música *Barbie de Chapéu*, de Melody, ambas com elementos ligados à infância. Seguem abaixo as letras:

E hoje eu quero  
Brincar com a tua boca  
Nosso playground, a noite toda  
Vem, vem, moção  
Vem, vem, moção  
Comer na minha mão  
(Playground, Vivi)

Barbie de chapéu, princesa da galopada  
O seu coração eu prendo na laçada  
Pode admirar, mas não se apaixona  
Sou uma boneca muito malvadona  
(Barbie de Chapéu, Melody)

As letras trazem uma conotação sexual implícita, tratam de relacionamentos sob a perspectiva da posse, fazendo jogos de palavras que fazem menção ao espaço infantil de brincadeira, no caso, o playground ou os parquinhos infantis, assim como a Barbie, uma boneca que fez e faz parte da infância de muitas meninas brasileiras e está presente em filmes, roupas e acessórios ligados à infância.

Se o *playground* remete a diversão e a brincadeira infantil, a menção à Barbie relaciona-se ao estereótipo feminino, remete a um corpo e uma aparência que busca ser hegemônica em nossa sociedade, exercendo uma forte pressão estética sobre as adolescentes.

Os dois trechos anteriormente citados, embora tenham uma conotação sexual, acabam por trazer outra dimensão dos *funks*, sua possibilidade de dar autonomia a mulher em relação ao seu corpo e ao seu prazer, nesse sentido, como expressa Batista (2022), se configura como um elemento de transformação na cultura sexual brasileira, carregando consigo o paradoxo de coisificar a mulher e as meninas adolescentes e ao mesmo tempo naturalizar o sexo como parte da sexualidade feminina, mostrando uma mulher que tem direito ao prazer e ao corpo.

## CONCLUSÃO



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ao longo de nossas análises, podemos constatar que a inserção de crianças e adolescentes nas mídias digitais, tais como o *TikTok*, tem resultado em sua sexualização e adultização precoce. Além disso, ao falarmos de meninas adolescentes, as redes sociais têm se configurado como espaços de erotização dos corpos femininos, colocando a figura da mulher como objeto de desejo e objetificando-a.

No *TikTok*, os vídeos de meninas adolescentes dançando tem evidenciado esse processo de erotização: as músicas, os passos e as roupas utilizadas para as performances parecem ser escolhidas para provocar e seduzir, levando à sexualização das meninas. No caso das influenciadoras sujeitos de nossa pesquisa, pudemos observar padrões semelhantes: os vídeos transitavam entre danças com performance de músicas que tinham como temas a sedução, a objetificação da mulher, os relacionamentos no sentido da posse, músicas com conteúdo sexual implícito e explícito e ainda outras que expressavam um estereótipo do feminino. Além disso, nas vestes, elas apostavam sempre em roupas curtas, deixando partes de seu corpo à mostra, em evidência, dando destaque para os seios, a pélvis, o bumbum etc.

Outrossim, outro aspecto que nos chamou atenção ao longo de nosso estudo foi o uso de signos da infância de forma erotizada: nas músicas, são criados jogos de palavras que utilizam elementos presentes na cultura infantil traçando-os sob um novo panorama, fazendo uma conotação com o ato sexual. Isso pode ser percebido também na construção de paródias de músicas conhecidas dos contos infantis, mantendo traços da melodia, mas alterando o conteúdo para um teor mais sexual. Também é comum o aparecimento das estampas de desenhos e de roupas de pelúcia, que lembram a cultura da infância em meio a passos sexualizados.

Diante do exposto, salientamos que os conteúdos veiculados pelas meninas adolescentes não estão de acordo com a sua faixa etária, pois são conteúdos que as sexualizam e as erotizam, expondo-as a uma série de violações de direitos, presentes tanto no espaço virtual quanto material, pois ambos refletem os signos das relações sociais dominantes. As mídias digitais, como uma célula da sociedade, propagam a ideologia dominante, repercutindo discursos machistas, estereótipos e padrões de beleza, gerando rebatimentos negativos na vivência da infância e adolescência.

Ainda que na contemporaneidade a indústria musical seja um aspecto que tem fomentado a possibilidade da mulher explorar sua sexualidade de forma livre, também tem se mostrado como um espaço que reforça as relações de dominação a que as mulheres estão expostas, abordando os relacionamentos sob o estigma da posse e degradando a figura da mulher em muitas



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

composições, usando termos pejorativos para referir-se a elas nas músicas. No caso das meninas adolescentes, é comum o uso do termo novinha, uma forma sexualizada de caracterizá-las.

Em virtude do supracitado, é imprescindível que seja estimulado o debate acerca do uso das mídias sociais por parte de crianças e adolescentes, especialmente o uso do *TikTok* por meninas, pois ainda que a idade mínima para criação de conta seja de 13 anos, mesmo as meninas de 15 e 16 anos são expostas a violações de direitos, pois os vídeos de dança veiculados na plataforma tendem a erotizá-las e violam seus direitos fundamentais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), através de comentários pejorativos de teor sexual que configuram assédio moral e sexual.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

AZEVEDO, Isis Luna Cirne de. O fenômeno da pornificação em trends de dança no TikTok: uma leitura crítica sobre o agenciamento da sexualização do corpo feminino pela indústria cultural. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, UFPB, 2022. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202214434962d6ed5510ecb.pdf>>. Acesso em: 21 de jun. 2024

BATISTA, Pamela Alves. (2022). **O funk como elemento de transformação na cultura sexual brasileira**: coisificação e/ou empoderamento nas letras musicais. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.

BEAUVOIR, Simone. (1967) **O Segundo Sexo V. 2**. 2. ed. Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIDDLE, Sam; RIBEIRO, Paulo Victor; DIAS Tatiana. Censura invisível. Exclusivo: TikTok escondeu 'feios' e favelas para atrair novos usuários e censurou posts políticos. **Intercept\_Brasil**, mar. 2020. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2020/03/16/tiktok-censurou-rostos-feios-e-favelas-para-atrair-novos-usuarios/>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Guia de orientação sobre prevenção à sexualização precoce na primeira infância**. Secretaria Nacional de Atenção à Primeira Infância (SNAPI). Brasília: Ministério da Cidadania, 2022. Disponível em:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

<[https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/desenvolvimento-social/GUIAS\\_NAPI3.pdf](https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/desenvolvimento-social/GUIAS_NAPI3.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2024.

COSTA, Natália Cordeiro da. (2022) **A supervalorização do corpo e da beleza na infância contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Pedagogia - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2022. Disponível em: [costa\\_nc\\_tcc\\_rcla.pdf](#). Acesso em: 10 jul. 2024.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege**: enfrentamento a violência contra crianças e adolescentes. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação Alfabetização e Diversidade, 2008.

FERRARI, Gabriel Dener; FOSCHIERA, Renan Cesar Venazzi. As origens da Cuca de Monteiro Lobato: uma aproximação entre Egito, Portugal e Brasil. **XX Semana de Letras**, Volume II – Trabalhos Completos. Universidade Federal do Paraná, 2018. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60663117/As\\_funcoes\\_do\\_prefacio\\_da\\_primeira\\_edicao\\_do\\_livro\\_contos\\_de\\_Malba\\_Tahan\\_1925\\_p.224-23020190921-57123-8bcali-libre.pdf?1569081547=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAs\\_funcoes\\_do\\_prefacio\\_da\\_primeira\\_edicao.pdf&Expires=1721744956&Signature=ZePkd~SWebbOu09-zg4G1WJHtRHmICQ0SWDEtg-MB5wEMngYk7ZScuPSCAvqYXn6weChduPKRn1Uun4dHeFYFfb0oVi74Org8JbeKLLfbcUulL9mNSKHG9iq-n1JkrtKQI3TSiOVLE0zxCNcPKFEXWEfgoRCP0VvaWYAR0xegXFkuaiXpCeh1NOKpEOP6psYTusJ4GFEcwL5F9Xdgy-wLyfNoI7OB2vQ-0udgnrd73sVfURqrr-f8VPgl1EqZUTewM2XNCdAuwFPrL-sJIB1v9rBiyRw5a~xK59Yj5Bep0nGAmIDu8wPbFmJ3GIkNGkVRmcalSa4AiFnKbWcrE744A\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=231](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60663117/As_funcoes_do_prefacio_da_primeira_edicao_do_livro_contos_de_Malba_Tahan_1925_p.224-23020190921-57123-8bcali-libre.pdf?1569081547=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAs_funcoes_do_prefacio_da_primeira_edicao.pdf&Expires=1721744956&Signature=ZePkd~SWebbOu09-zg4G1WJHtRHmICQ0SWDEtg-MB5wEMngYk7ZScuPSCAvqYXn6weChduPKRn1Uun4dHeFYFfb0oVi74Org8JbeKLLfbcUulL9mNSKHG9iq-n1JkrtKQI3TSiOVLE0zxCNcPKFEXWEfgoRCP0VvaWYAR0xegXFkuaiXpCeh1NOKpEOP6psYTusJ4GFEcwL5F9Xdgy-wLyfNoI7OB2vQ-0udgnrd73sVfURqrr-f8VPgl1EqZUTewM2XNCdAuwFPrL-sJIB1v9rBiyRw5a~xK59Yj5Bep0nGAmIDu8wPbFmJ3GIkNGkVRmcalSa4AiFnKbWcrE744A__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=231)>. Acesso em: 24 jun. 2024.

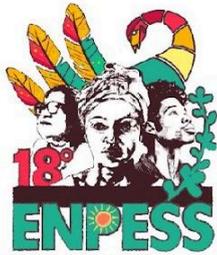
LEVINE, Alexandra S. Como o TikTok Live se tornou “um clube de strip cheio de jovens de 15 anos”. **Site Forbes**. 2022. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/04/como-o-tiktok-live-se-tornou-um-clube-de-strip-cheio-de-jovens-de-15-anos/>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique; MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de; PESSOA JÚNIOR, João Mário; NÓBREGA, Vannucia Karla de Medeiros. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, jan.-fev., 2013, pp. 103-109. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267028450015>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

REIS, Suzéte da Silva; CUSTÓDIO, André Viana. **Trabalho infantil nos meios de comunicação**: o espetáculo da violação de direitos humanos de crianças e adolescentes. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. Livro eletrônico. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1764/1/Trabalho%20infantil%20nos%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

TORTELLA, Tiago. **CNN BRASIL**. TikTok é a rede social mais usada por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos. São Paulo, 2023. Disponível em:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

<<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/tiktok-e-a-rede-social-mais-usada-por-criancas-e-adolescentes-de-9-a-17-anos/#:~:text=anos%20%7C%20CNN%20Brasil-,TikTok%20%C3%A9%20a%20rede%20social%20mais%20usada%20por%20crian%C3%A7as,de%209%20a%2017%20anos&text=Uma%20pesquisa%20do%20Comit%C3%AA%20Gestor,de%20rede%20social%20em%202021>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

WEBER, Tiziana Brenner B.; Eliane Cristine FRANCISCO-MAFFEZZOLLI. Conferência: Mídia, consumo e adultização de crianças: uma reflexão macrosocial. Intercom – Sociedade brasileira de Estudos Interdisciplinas da Comunicação. **II Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Curitiba-PR, 26 a 28/05/2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Tiziana-Brenner-Beauchamp-Weber/publication/330833375\\_Intercom-Sociedade\\_Brasileira\\_de\\_Estudos\\_Interdisciplinares\\_da\\_Comunicacao\\_XVII\\_Congresso\\_de\\_Ciencias\\_da\\_Comunicacao\\_na\\_Regiao\\_Sul-Curitiba-PR-26\\_a\\_28\\_Midia\\_Consumo\\_e\\_a\\_Adultizacao\\_de\\_Criancas\\_Uma\\_Ref/links/5](https://www.researchgate.net/profile/Tiziana-Brenner-Beauchamp-Weber/publication/330833375_Intercom-Sociedade_Brasileira_de_Estudos_Interdisciplinares_da_Comunicacao_XVII_Congresso_de_Ciencias_da_Comunicacao_na_Regiao_Sul-Curitiba-PR-26_a_28_Midia_Consumo_e_a_Adultizacao_de_Criancas_Uma_Ref/links/5)>. Acesso em: 05 jul. 2024.

WIKIPÉDIA. ([s.d.]). **Cinderela**. Wikipedia, A Enciclopédia Livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cinderela&oldid=68131369>>. Acesso em: 15 jul. 2024.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

**Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social**



**Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

**Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social**